

# MOVIMENTO SANKOFA: BUSCANDO NOS SABERES ANCESTRAIS POSSIBILIDADES DE CONSTRUÇÃO DE UM NOVO METABOLISMO SOCIAL

SANKOFA MOVEMENT: LOOKING TO ANCESTRAL  
KNOWLEDGE TO BUILD A NEW SOCIAL METABOLISM)

Heliany Wyrta de Oliveira

Instituto Federal de Goiás - IFG (Câmpus Anápolis), Anápolis, Brasil  
heliany.wyrta@academico.ifg.edu.br | orcid.org/0009-0001-9690-069X

Reinaldo Lima dos Reis Júnior

Instituto Federal de Goiás - IFG (Câmpus Luziana), Luziana, Brasil  
reinaldo.reis@ifg.edu.br | orcid.org/0000-0001-9460-8954

## Resumo

Este artigo propõe que realizemos o movimento Sankofa, sendo este parte de uma sabedoria ancestral do povo Akan, principalmente do império Ashanti, que viviam na costa Oeste do continente africano, mais precisamente onde é hoje o Togo, Benin, Gana, Costa de Marfim, Burkina Faso. A Sankofa é um símbolo de resistência, cuja origem africana foi trazida para o Brasil na época colonial, quando negros eram feitos escravos. A etimologia da palavra, em ganês, inclui os termos san (voltar, retornar), ko (ir) e fa (olhar, buscar e pegar). Esse movimento propõe o retorno ao passado, voltar as nossas raízes, para trazer de a sabedoria necessária para continuar a caminhada. Nessa afroperspectiva esse artigo pretende buscar uma nova forma de vivenciar a realidade, para que através da aprendizagem de voltar o olhar para o passado como refletir novas possibilidades de atuação no presente, ousando construir alternativas para o futuro. Propor o movimento Sankofa como possibilidade de (re)conhecer nos saberes ancestrais, potencialidades esquecidas ou silenciadas, que podem colaborar com a continuidade do nosso percurso, propondo novas possibilidades de ser, existir e agir no mundo. Sendo assim, utilizaremos os textos estudados na disciplina de Bases Conceituais do PROFEPT para compreender a construção social do trabalho e da educação no Brasil, a partir de uma economia baseada no capitalismo dependente. Realizarei um paralelo desses estudos a partir de uma Afroperspectiva, que traga elementos dos saberes ancestrais para repensar o metabolismo social do capital, tendo em vista a construção de um novo metabolismo social.

**Palavras-chave:** Educação Profissional e Tecnológica – Saberes Ancestrais – Metabolismo Social – Educação Decolonial

## A R T I G O

Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons Atribuição - Não comercial - Compartilhar igual 4.0 Internacional.



## SANKOFA MOVEMENT: LOOKING TO ANCESTRAL KNOWLEDGE TO BUILD A NEW SOCIAL METABOLISM)

### **Abstract**

This article proposes that we carry out the Sankofa movement, which is part of an ancestral wisdom of the Akan people, mainly from the Ashanti empire, who lived on the West coast of the African continent, but precisely in what is today Togo, Benin, Ghana, Ivory Coast, Burkina Faso. Sankofa is a symbol of resistance, whose African origin was brought to Brazil in colonial times, when black people were made slaves. The etymology of the word, in Ghana, includes the terms san (to return, return), ko (to go) and fa (to look, seek and take). This movement proposes a return to the past, to return to our roots, to bring the necessary wisdom to continue the journey. From this afroperspective, this article intends to seek a new way of experiencing reality, so that through learning to look at the past, we can reflect on new possibilities of action in the present, daring to build alternatives for the future. Propose the Sankofa movement as a possibility of (re)recognizing, in ancestral knowledge, forgotten or silenced potentialities, which can contribute to the continuity of our journey, proposing new possibilities of being, existing and acting in the world. Therefore, we will use the texts studied in the PROFEPT Conceptual Bases discipline to understand the social construction of work and education in Brazil, based on an economy based on dependent capitalism. I will carry out a parallel to these studies from an Afroperspective, which brings elements of ancestral knowledge to rethink the social metabolism of capital, with a view to building a new social metabolism.

**Keywords:** Professional and Technological Education - Ancestral Knowledge - Social Metabolism ; Decolonial Education

MOVIMIENTO SANKOFA: BÚSQUEDA EN EL CONOCIMIENTO ANCESTRAL POSIBILIDADES PARA CONSTRUIR UN NUEVO METABOLISMO SOCIAL

### **Resumen**

Este artículo propone llevar a cabo el movimiento Sankofa, que forma parte de una sabiduría ancestral del pueblo Akan, principalmente del imperio Ashanti, que habitó en la costa occidental del continente africano, pero precisamente en lo que hoy es Togo, Benin, Ghana, Costa de Marfil, Burkina Faso. Sankofa es un símbolo de resistencia, cuyo origen africano fue traído a Brasil en la época colonial, cuando los negros eran esclavos. La etimología de la palabra, en Ghana, incluye los términos san (regresar, regresar), ko (ir) y fa (mirar, buscar y tomar). Este movimiento propone un regreso al pasado, volver a nuestras raíces, traer la sabiduría necesaria para continuar el camino. Desde esta perspectiva afro, este artículo pretende buscar una nueva forma de experimentar la realidad, para que, a través de aprender a mirar el pasado, podamos reflexionar sobre nuevas posibilidades de acción en el presente, atreviéndonos a construir alternativas para el futuro. Proponer el movimiento Sankofa como una posibilidad de (re)reconocer, en los saberes ancestrales, potencialidades olvidadas o silenciadas, que pueden contribuir a la continuidad de nuestro caminar, proponiendo nuevas posibilidades de ser, existir y actuar en el mundo. Por lo tanto, utilizaremos los textos estudiados en la disciplina Bases Conceptuales del PROFEPT para comprender la construcción social del trabajo y la educación en Brasil, a partir de una economía basada en el capitalismo dependiente. Realizaré un paralelo a estos estudios desde una perspectiva afro, que aporta elementos de saberes ancestrales para repensar el metabolismo social del capital, con miras a construir un nuevo metabolismo social.

**Palabras clave:** conocimientos ancestrales; trabajar; formación humana; metabolismo social; educación decolonial

## Introdução

Ao propor a reflexão sobre um novo metabolismo social com o olhar para uma forma específica de viver dos ancestrais, tenho a intenção de realizar uma análise radical da realidade atual, baseada no metabolismo social do capital e suas consequências para humanos e natureza. Nessa perspectiva que proponho que realizemos o movimento Sankofa<sup>1</sup>. Por isso proponho que nós, autora e leitores, realizemos o movimento da Sankofa, que é um símbolo Adinkra<sup>2</sup>.

O Sankofa, é a figura de um pássaro mítico que voa para frente, tendo a cabeça voltada para trás e carregando no seu bico um ovo, o futuro. Esse movimento propõe o retorno ao passado, voltar as nossas raízes, para adquirir fôlego e sabedoria para continuar a caminhada. Não é um movimento saudosista e com perspectiva de fazer tudo como era antigamente, mas ser capaz de alimentado pela sabedoria dos nossos ancestrais construir um futuro melhor.



Nessa perspectiva, afrocentrada, o Sankofa enquanto símbolo africano está intimamente ligado aos conceitos do materialismo histórico-dialético<sup>3</sup>. O Sankofa é caracterizado pelo movimento, pela dialética, sendo esse um conceito fundamental do método. O movimento de aprofundamento na materialidade histórica da vida dos homens para viver radicalmente o real, problematizá-lo e, com os novos conhecimentos construídos, tornar-se capaz de promover uma revolução social que subverta toda ordem desumanizadora.

Os saberes ancestrais, enquanto conjunto de conhecimentos e práticas transmitidas de geração em geração, principalmente através da oralidade,

---

<sup>1</sup> A sankofa é um símbolo de resistência, cuja origem africana foi trazida para o Brasil na época colonial, quando negros eram feitos escravos. A etimologia da palavra, em ganês, inclui os termos san (voltar, retornar), ko (ir) e fa (olhar, buscar e pegar).

<sup>2</sup> Adinkra é um conhecimento e uma tecnologia ancestral africana, que trabalha no campo da linguagem. São ideogramas que expressam valores tradicionais, ideias filosóficas, códigos de conduta e normas sociais.

<sup>3</sup> O materialismo histórico e dialético é uma teoria política, sociológica e econômica desenvolvida por Karl Marx e Friedrich Engels no século XIX

estão baseados em uma relação íntima e de profundo respeito pela natureza. Este artigo busca, através das leituras realizadas na disciplina Bases Conceituais para a EPT, no curso de Mestrado Profissional em Educação Profissional e Tecnológica, estabelecer um parâmetro de confluência entre os saberes ancestrais e a teoria estudada, pensando em como estas podem ajudar a construir um novo metabolismo social<sup>4</sup>, onde o ser humano, em posse de sua humanidade, possa se olhar como parte integrante da natureza como parte de si mesmo e agir no sentido de preservar a própria vida.

## 1. Trabalho e Educação numa perspectiva humanizadora

Ao estudar os autores da disciplina de Bases fui confrontada com questões que colocam o trabalho como categoria central para entendimento da sociedade. Através do estudo de ARROYO (1998) começo a compreender o conceito de princípio educativo, quando ele diz:

“Entretanto não caímos no miúdo buscando inserir o trabalho nas políticas educacionais; estamos antes de mais nada buscando no trabalho, na produção da existência, da cultura, dos valores, das linguagens... elementos para uma melhor compreensão da formação humana, para repensar a teoria da educação.” (p.143).

Através do seu texto, ele busca encontrar uma possibilidade de diálogo entre as diversas áreas que teorizam sobre a educação para que possam ir além do mundo e do pensamento sobre o trabalho, para que os profissionais de outras áreas do conhecimento, principalmente da pedagogia, tragam contribuições que colaborem na busca de respostas às questões essenciais para entender o caráter educativo do trabalho.

---

<sup>4</sup> Processo de trocas entre os seres humanos e o mundo natural. Essa relação entre ser humano e natureza vai definir a produção, o consumo, o descarte, os resíduos, enfim a forma como o homem, através do seu trabalho vai interagir com a natureza

Lendo Arroyo numa Afroperspectiva<sup>5</sup>, é possível enxergar nessa tentativa de promover o diálogo entre as diversas áreas da pesquisa educacional um princípio da filosofia africana que se denomina Ubuntu<sup>6</sup>. Um dos pilares que sustenta essa filosofia é o respeito, faz parte do pensamento e modo de agir solidário, que dá muita importância a forma de se relacionar uns com os outros de modo a construir o diálogo necessário para tomadas de decisões.

Ubuntu pode ser traduzido como “o que é comum a todas as pessoas”. A máxima zulu e xhosa, ‘umuntu ngumuntu ngabantu’ (uma pessoa é uma pessoa através de outras pessoas) indica que um ser humano só se realiza quando humaniza outros seres humanos. A desumanização de outros seres humanos é um impedimento para o autoconhecimento e a capacidade de desfrutar de todas as nossas potencialidades humanas. O que significa que uma pessoa precisa estar inserida numa comunidade, trabalhando em prol de si e de outras pessoas. (NOGUEIRA, 2012)

Para Arroyo, educar é humanizar, possibilitar o caminho para a emancipação e a autonomia responsável do ser humano. Sendo assim, concluo que a humanização é o objetivo primeiro de toda ação pedagógica. Porém ela não acontece apenas na escola. O processo educativo acontece também em outros espaços como famílias, igrejas, ruas, terreiros, empresas, nos momentos de trabalho e, também, nos momentos de lazer. Sendo necessário compreender todos esses tempos e espaços para ampliar a visão sobre os limites e possibilidades da teoria pedagógica dentro da escola.

A ética Ubuntu, compreendida como sendo comum a todas as pessoas, proporciona um ritmo coletivo e generoso na busca do conhecimento e da valorização dos tempos e espaços de aprendizagens. O espírito dessa filosofia africana é buscar o entendimento da realidade através de uma articulação coletiva, permitindo a formação de novos encontros, com novos saberes (antropologia, história, sociologia, filosofia, psicologia, entre outras) para ao fazer o retorno para seu local de origem (teoria pedagógica) com uma visão

---

<sup>5</sup> Afroperspectiva é uma nova tendência filosófica, iniciada por Renato Nogueira, onde os pesquisadores tentam formular conceitos recorrendo às tradições indígena, africana e afro-brasileira.

<sup>6</sup> A palavra Ubuntu tem origem nos idiomas zulu e xhosa do sul do continente africano e tem como significado a humanidade para todos. A frase mais conhecida referente a filosofia Ubuntu é ‘eu sou porque nós somos’

mais ampla que colabore com o repensar da educação básica, a educação universal e obrigatória, segundo Arroyo.

Outro ponto considerável do estudo desse autor é a forma incisiva como ele levanta a necessidade do GT Trabalho-Educação<sup>7</sup> desenvolver pesquisas sobre a educação básica, no sentido de aproximar os estudos teóricos da prática escolar, pois no imaginário existente na educação básica, através de falas comumente ouvidas é que a criança/adolescente/ adulto tem que estudar para garantir um emprego no futuro., sendo esta uma visão desfocada da realidade.

Ele entende a educação básica como um tempo e espaço fundamental para a formação de concepções de mundo, de sociedade e educação que promovam melhorias no mundo do trabalho. Por isso propõe que os pesquisadores sobre trabalho e educação levem em consideração não só o mundo do trabalho, mas também observem atentamente como a formação básica pode influir na consciência do trabalhador. Que a escola não seja um lugar para frequentar com o objetivo de ‘vencer’ na vida e competir no mercado.

A educação que se pretende é a que leve em consideração as vivências da infância, como tempo de humanização plena, onde seja desenvolvida uma formação omnilateral<sup>8</sup> que contribua para a autonomia racional, a ética e para uma prática emancipatória, libertária e igualitária. O autor enfatiza que:

É nessa visão global que se construiu ao longo da história a concepção universal da educação. Universal não apenas no sentido de para todos, mas de se dar conta da universalidade, pluralidade, omnilateralidade das dimensões humanas e humanizadoras a que todo indivíduo tem direito por ser e para ser humano. Essa universalidade da ação educativa é a concepção universal da paideia, do humanismo renascentista, da ilustração, do socialismo utópico e científico, dos

---

<sup>7</sup> GT Trabalho e Educação criado em 1981 na 4ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped) caracteriza-se como um fórum de discussão sobre as relações entre o mundo trabalho e a educação

<sup>8</sup> Omnilateral é um termo que vem do latim e cuja tradução literal significa “todos os lados ou dimensões”. A Formação omnilateral é a concepção de educação ou de formação humana que leva em conta todas as dimensões que constituem a especificidade do ser humano e as condições objetivas e subjetivas reais para seu pleno desenvolvimento histórico.

movimentos sociais, trabalhista, feminista, negro, pela igualdade e diversidade, da pedagogia do trabalho e da libertação, do trabalho como princípio educativo... (ARROYO, 1998, p.155)

Arroyo declara que estudamos muito sobre as transformações do trabalho, a história dos sistemas educacionais, as tendências pedagógicas, sobre a diversidade de métodos, mas conhecemos pouco sobre a ação educativa. Ele acredita que o diálogo entre as várias áreas que estudam a educação favorecer as descobertas que possibilitem entender como ocorre o ensino e, conseqüentemente a aprendizagem.

Por ser uma ação educativa entre pessoas, a formação é transmitida de geração em geração, pois somos seres sujeitos da aprendizagem e do ensino ao mesmo tempo que estabelecemos inter-relações. Através dessas relações expressamos culturas, histórias pessoais, representações e valores, subjetividade, sensibilidade, afetividade, emoção, enfim um conjunto de fatores que não pode ser separado do sujeito ao adentrar no mundo escolar. A ação formadora acontece em casa, no trabalho, na cidade, na turma, na escola, em todos os espaços onde existe interação.

SANTOS <sup>9</sup> (2021) através de um texto autobiográfico<sup>10</sup> relata uma, das várias experiências vividas por ele desde a infância sobre o modo de produção da comunidade quilombola na qual nasceu e foi criado. O que quero ressaltar nessa citação, além de como o trabalho era realizado, é o fato de como a educação das crianças fazia parte da vida, pois desde pequenas aprendiam com os mais velhos o trabalho necessário para a vida em comunidade.

Ainda garoto, comecei a participar das pescarias que aconteciam da seguinte maneira: um grupo de pessoas de ambos os sexos e diferentes idades acampavam à margem do rio e escolhia o poço onde todos deviam pescar.

---

<sup>9</sup> Antônio Bispo dos Santos, o Nêgo Bispo, intelectual quilombola, a construção de sua intelectualidade vem dos ensinamentos de mestras e mestres do Quilombo Saco-Curtume do município de São João do Piauí, atual município de Francinópolis. Lavrador, poeta, escritor, professor, ativista político. Militante do movimento social quilombola e de direitos pelo uso da terra, Nêgo Bispo é uma das principais vozes do pensamento das comunidades tradicionais do Brasil.

<sup>10</sup> Autobiografia: é um gênero literário em que uma pessoa narra a história da sua vida, trata-se de uma biografia escrita ou narrada pela pessoa biografada

Algumas pessoas remendavam tarrafa<sup>11</sup>, outras cortavam palhas para fazerem tapagens<sup>12</sup>, outras retiravam balseiros de dentro d'água, outras distribuíam cachaça, bolos, tira-gosto, outras faziam café e assim por diante. Tudo isso coordenado pelos mais velhos ou os que mais se destacavam pela habilidade no desempenho de determinadas tarefas. Isso se dava de forma tão sincronizada que, na hora de começar a pescar, todo mundo combinava entre si e já tinha os seus pontos reservados. (p. 63)

Nesse trecho de Nêgo Bispo constato que a educação ancestral está diretamente ligada à vida. Por esse prisma vamos avançar na reflexão de Arroyo quando destaca o peso das condições materiais e das relações sociais em que produz a educação. Destaca que os processos educativos se materializam em práticas e rituais. Sendo categórico ao afirmar que a pedagogia escolar se empobrece quando secundariza o peso da materialidade em que se produz a existência e se reproduzem os seres humanos e quando não dá a devida centralidade ao elemento humano. Reafirmando essa visão quando diz:

A teoria pedagógica e a relação trabalho-educação se empobrecem quando seu foco deixa de ser as pessoas, as relações sociais e passam a privilegiar as técnicas, as tecnologias, os métodos, os conteúdos inculcados. Por sua vez a pedagogia escolar se empobrece quando secundariza o peso da materialidade em que se produz a existência e se reproduzem os seres humanos. A teoria pedagógica e a relação trabalho-educação se enriquecem quando incorporam todas essas dimensões. (ARROYO, 1998, p.165)

Aprofundando no conceito de trabalho adentro nos estudos de MARX (2002), que reforça o sentido do trabalho como uma atividade essencial para a vida humana, pois é por meio deste que os seres humanos se relacionam com a natureza e produzem os meios de sua subsistência. De acordo com os seus estudos constato que

---

<sup>11</sup> Tarrafa é uma rede de pesca circular, de malha fina, com pesos na periferia e um cabo fino no centro, pelo qual é puxada.

<sup>12</sup> Tapagens é uma espécie de tapume feito de varinhas que se arma nos rios para apanhar o peixe



Antes de tudo, o trabalho é um processo de que participam o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza. Defronta-se com a natureza como uma de suas forças. Põe em movimento as forças naturais de seu corpo – braços e pernas, cabeças e mãos -, a fim de apropriar-se dos recursos da natureza imprimindo-lhes forma útil à vida humana. Atuando assim sobre a natureza externa e modificando-a, ao mesmo tempo modifica a sua própria natureza. (MARX, 2002, p.211)

O ser humano se constitui humano porque diferente dos outros animais ele pensa sobre sua ação de transformação da natureza, antes mesmo de agir sobre ela. Nesse sentido, o ser humano é capaz de se auto educar e educar os seus iguais. Essa ação do homem sobre a natureza convencionou-se a chamar de trabalho. SAVIANI (2007) afirma que a essência do homem não é uma dádiva, mas sim uma construção humana. Indo além, ele defende que

Se a existência humana não é garantida pela natureza, não é uma dádiva natural, mas tem de ser produzida pelos próprios homens, sendo, pois, um produto do trabalho, isso significa que o homem não nasce homem. Ele forma-se homem. Ele não nasce sabendo produzir-se como homem. Ele necessita aprender a ser homem, precisa aprender a produzir sua própria existência. Portanto, a produção do homem é, ao mesmo tempo, a formação do homem, isto é, um processo educativo. A origem da educação coincide, então, com a origem do homem mesmo. (p.154)

Assim sendo, educação e trabalho, ontologicamente, são prerrogativas do ser humano, sem o qual eles não poderiam produzir cultura, tecnologias, saberes, valores, nem tão pouco seriam capazes de transmitir esses saberes ao longo das gerações. Além disso, apenas o ser humano pode, através de sua atuação sobre o objeto do trabalho ressignificar aprendizagens para produzir novos conhecimentos.

É característica inalienável do ser humano a capacidade de autoformar-se e ao mesmo tempo formar outros seres nas suas interações. Inicialmente, quando ainda não tínhamos os saberes culturalmente acumulados, os humanos ao agir sobre a natureza, simultaneamente aprendiam.

Nesse mesmo texto, Saviani fala sobre as comunidades primitivas, onde o meio de produção da existência era comunal, também denominado como comunismo primitivo. Ressaltando que no comunismo primitivo tanto os meios

de produção quanto o produto do trabalho eram divididos igualmente entre todos. A administração da infraestrutura social era comunitária e coletiva, sem necessidades de um Estado moderador.

Esse ponto do estudo remete-me à ancestralidade mais uma vez, para salientar a importância da tradição oral para a transmissão de saberes. A oralidade nas comunidades originárias e diaspóricas africanas sempre foram meios de conceber, reproduzir e construir os conhecimentos, além de ser uma forma de preservar e transmitir seus saberes e cultura.

Os momentos de contação de história são parte essencial da prática e dos rituais utilizados na ação educativa ancestral. As comunidades dos povos originários, ainda hoje, têm como principal forma de transmissão de saberes a oralidade. Constatamos isso através da vivência de Francisco Alves ao participar de um desses momentos numa tribo indígena:

A riqueza da tradição oral está muito presente na vida dos povos indígenas. Todas as vezes que estou em alguma aldeia Xavante, faço questão de participar da “reunião do Warã”. Fico impressionado e também emocionado de ver os anciãos fazerem verdadeiras conferências, através de suas narrativas. Passam horas e horas discorrendo sobre um determinado assunto, sob o olhar atento de todos os que estão ali, à sua volta. E o que ele diz tem um peso singular, nas possíveis decisões a serem tomadas. Ninguém o interrompe, até que tenha concluído a sua narrativa.<sup>13</sup>

Assim como os indígenas, a cultura africana é permeada pela prática da oralidade, pois o conhecimento é considerado uma realidade viva a ser experienciada através dos sentidos, não para acumular arquivos, mas essencialmente para estabelecer interrelações diretas, afetivas. Nesse encontro interpessoal, saberes importantes dos povos eram e ainda são transmitidos de geração em geração pela oralidade. Encontramos em NASCIMENTO (2019), um trecho dessa afirmação

Esse é um ponto crucial na experiência afro-brasileira, quando se leva em conta que a tradição e o conhecimento eram uma realidade viva e dinâmica na África, não em termos de arquivos ou escritura fossilizada.

---

<sup>13</sup> Texto escrito por Francisco Carlos Machado Alves retirado da página: <https://portaldoperegrino.com.br/oralidade-e-ancestralidade/>

[...] É nesse ponto crucial que podemos perceber claramente a dicotomia que separa e diferencia as culturas negro-africanas das culturas branco-europeias: a oralidade como base da comunicação e da transmissão cultural. Não se concebia a palavra inerte e apenas descritiva: pois em si mesma era movimento e ação. Durante milênios, através de séculos, a transmissão da história, da religião, da ciência, da tecnologia, se realizava por meio oral. (p. 129)

Embora a oralidade seja uma parte fundamental da forma de educação de indígenas, existem também tecnologias ancestrais desses povos que usam da linguagem artística para ensinar. Os símbolos Adinkras são um exemplo do uso da cultura artística com o objetivo de uma ação educativa. Tanto os africanos quanto os indígenas utilizam suas esculturas e desenhos para a transmissão de suas histórias, valores tradicionais, ideias filosóficas, códigos de conduta e normas sociais.

## **2. Olhar para trás para procurar onde o elo trabalho-vida- educação foi rompido**

Parto do pressuposto de que em algum momento do desenvolvimento algo em nós foi partido a tal ponto que originou uma cisão entre o mundo do trabalho e a vida, e conseqüentemente, nesse processo fomos nos distanciando da nossa humanidade e da íntima relação com a natureza e chegamos no ponto de contínuo processo de autodestruição que nos encontramos nesse momento. A partir daqui faremos uma análise histórica, para tentar compreender onde nossos caminhos se distanciaram de nós mesmos e da nossa ligação com a natureza, com a educação e com o próprio sentido da vida.

### **2.1. O potencial do capital de desumanização**

Numa sociedade em que o ser humano tenha ligação direta e horizontal com a terra e com sua comunidade, o trabalho se apresenta como o meio de interação com os outros e com a natureza de forma consciente e harmoniosa

A partir do momento em que o ser humano começa a produzir para acumular, instaura paulatinamente a organização as relações sociais de forma hierárquica. Alguns começam a deter o conhecimento e transformavam outros, antes seus iguais, em escravos. Mudando a forma de produção, nasce a divisão do trabalho, que originou a propriedade privada. Surgindo assim a sociedade de classes, dividida entre proprietários e não-proprietários. Conseqüentemente, a formação humana também sofre alterações profundas. A partir daí, o saber passa a ser transmitido levando em consideração a classe social do indivíduo.

Considero esse o ponto crucial de diferenciação entre o capitalismo e os saberes ancestrais, para salientar essa afirmação transcrevo uma parte do livro de Nêgo Bispo onde o autor comprova como as relações do trabalho numa visão capitalista e eurocêntrica está em total oposição à humanidade que a ação do trabalho requer.

As manifestações culturais dos povos euro-cristãos monoteístas geralmente são organizadas em uma estrutura vertical com regras estaticamente pré-definidas, número limitado de participantes classificados por sexo, faixa etária, grau de habilidade, divididos em times e/ou equipes, segmentadas do coletivo para o indivíduo (onde o talento individual costuma ser mais valorizado que o trabalho em equipe) e em permanente estado de competitividade. (SANTOS, 2021, p. 31)

Doravante, no sistema capitalista acontece uma anomalia, uma contradição antagônica, isto quer dizer, uma contradição irreconciliável, visto que o trabalho é o que caracteriza a essência humana. Como explicar que com o início da propriedade privada, alguns homens sobrevivem às custas do trabalho de outros, sendo assim eles não são humanos? Se o trabalho é a razão da existência e sobrevivência do ser humano, como ele vai conseguir sua subsistência tendo que garantir a acumulação de outros homens que detêm o produto do seu trabalho à base da coação física e psicológica?

O avanço do comércio desencadeou o surgimento de uma nova classe social, a burguesia, que originalmente eram mercadores moradores das cidades, os chamados burgos. A partir da revolução industrial, a estrutura da sociedade passa a ser estabelecida por laços contratuais e impõe uma

educação onde os trabalhadores dominassem o mínimo de formação geral para se qualificarem para as novas possibilidades de trabalho na expansão da mentalidade capitalista.

Na obra *O capital*, Marx (2002) traz um vasto estudo sobre essa nova estrutura social, que nascia trazendo grandes problemas sociais, principalmente nas grandes cidades. Sendo assim, Marx e Engels (2002, 2008) passaram muito tempo de sua vida construindo um estudo sistematizado, realizando uma crítica da economia política de sua época com o fim de elaborar uma teoria baseada na filosofia socialista da época que fosse possível de ser praticada rumo a uma revolução proletária, com o objetivo de construir uma sociedade comunista. Os autores trabalham com conceitos importantes para entender o sistema capitalista, como mercadoria<sup>14</sup>, valor de uso<sup>15</sup>, valor de troca<sup>16</sup>, mais-valia<sup>17</sup>.

Numa abordagem sintética da obra, apenas para avançar no entendimento do objetivo desse artigo. Marx afirma que o processo de trabalho é o meio de produzir valores de uso. O trabalho sendo a própria força utilizada pelo trabalhador para agir sobre a natureza para produzir o produto do seu trabalho. Nesse sentido, é o trabalho humano que agrega valor ao produto.

O trabalho em si sempre produz algo que tem um valor de uso. O objetivo do capitalista ao comprar a força de trabalho é produzir uma mercadoria que tenha valor de troca. O valor de troca, carrega em si a negação do valor de uso, pois determina que uma mercadoria pode ser trocada por outra estabelecendo

---

<sup>14</sup> A mercadoria é o elemento mais sobre determinado, mais nuclear da produção capitalista, pois o sistema capitalista não é um sistema de produção de coisas úteis e necessárias às pessoas, e sim um sistema produtor de mercadorias.

<sup>15</sup> O valor de uso é definido pela capacidade de satisfazer necessidades humanas. O valor de uso, portanto, depende da utilidade do produto.

<sup>16</sup> O valor de troca representa a quantidade de trabalho necessária para produzir um produto qualquer. Quanto maior a quantidade de trabalho necessário, maior o valor; quanto menor o trabalho necessário, menor o valor.

<sup>17</sup> A mais-valia pode ser entendida como o trabalho não pago, ou seja, são horas que o trabalhador cumpre/valor que ele gera pelos quais ele não é remunerado.

como parâmetro de troca à quantidade de trabalho realizado para produzi-la e não sua utilidade.

Desse processo de produção de valor que surge o conceito fundamental do capital: a mais-valia. Quando o trabalhador vende sua força de trabalho ele recebe um salário. Mas existe uma quantidade de uso da força de trabalho do trabalhador que não é paga pelo capitalista. Esta exploração do trabalho é o trabalho excedente que gera lucro ao capitalista. A mais-valia se origina de um excedente quantitativo de trabalho, da duração prolongada do mesmo processo de trabalho, tanto no processo de produção de fios quanto no processo de produção de artigos de ourivesaria. (MARX, 2002, p. 231)

Dentro da perspectiva capitalista, o trabalho é produtor de riqueza, desde que este contenha a mais-valia. Para existir a mais-valia não basta a infraestrutura <sup>18</sup> necessária, isto é não é só uma questão econômica. A superestrutura<sup>19</sup> que garante as condições da criação da mais-valia, através das estratégias dos grupos dominantes para criar a hegemonia, com o uso da força ou da ideologia.

Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes; em outras palavras, a classe que é o poder material dominante numa determinada sociedade é também o poder espiritual dominante. A classe que dispõe dos meios da produção material dispõe também dos meios da produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles aos quais são negados os meios de produção intelectual está submetido também à classe dominante. (MARX, 2008, p. 48)

Um trabalho alienado é quando o trabalhador não tem acesso aos bens que ele mesmo produz. Nesse tipo de trabalho o ser humano perde sua humanidade, torna-se apenas a força de trabalho. O trabalhador deixa de se reconhecer como produtor e não se identifica com o produto. Nesse sentido, ele é transformado em uma mercadoria. Isso que Marx chama de coisificação do ser humano.

---

<sup>18</sup> Para Marx, a infraestrutura trata-se das forças de produção, compostas pelo conjunto formado pela matéria- prima, pelos meios de produção e pelos próprios trabalhadores, (onde se dá as relações de produção: empregados- empregados, patrões-empregados). Trata-se da base econômica da sociedade

<sup>19</sup> Superestrutura - Trata-se da estrutura jurídico-política e a estrutura ideológica (Estado, Religião, Artes, meios de comunicação etc.).

Analogicamente, a colonização também é um processo desumanizador e de coisificação. CÉSAIRE (2020) explica essa afirmação quando diz:

Entre colonizador e colonizado, só há espaço para o trabalho forçado, a intimidação, a pressão, a polícia, os impostos, o roubo, o estupro, a imposição cultural, o desprezo, a desconfiança, o necrotério, a presunção, a grosseria, as elites descerebradas, as massas aviltadas. [...] É minha vez de apresentar minha equação: colonização=coisificação. (p. 24)

A colonização europeia da América, África e Ásia foi um processo de exploração e dominação que teve como objetivo principal a obtenção de recursos naturais e mão de obra barata. As colônias foram submetidas a um regime violento de exploração e expropriação do seu território, da sua língua, da sua cultura, etc. tudo para que os países colonizadores obtivessem riquezas materiais.

Esse processo de exploração gerou um grande acúmulo de riqueza para os colonizadores, a acumulação dessa foi utilizada para financiar o desenvolvimento da indústria, que surgiu na Europa no século XVIII. A indústria necessitava de grandes quantidades de capital para investir em máquinas e tecnologia, vindo estas dos territórios brutalmente colonizados.

A colonização dos séculos XV, XVI e XVII, portanto, foi um processo fundamental para o desenvolvimento do capitalismo moderno. O acúmulo de riqueza gerado durante a colonização possibilitou o desenvolvimento da indústria e a afirmação da burguesia como classe social dominante.

Em contrapartida, SANTOS (2021) descreve outra forma de agir no mundo do trabalho onde não há necessidade de produzir acumulação nem riquezas, pois o objetivo principal é o trabalho coletivo, a cooperação e a solidariedade entre os membros da comunidade.

Isso porque, segundo nossas mestras e mestres, a mandioca nós podíamos acumular, mas o melhor lugar de guardar a mandioca é na terra. [...] Assim como dissemos que a melhor maneira de guardar o peixe é nas águas. E a melhor maneira de guardar os produtos de todas as nossas expressões produtivas é distribuindo entre a vizinhança, ou seja, como tudo que fazemos é produto da energia orgânica esse produto deve ser reintegrado a essa mesma energia. SANTOS, 2021, p.65)

Porém dentro de um sistema capitalista, o trabalho coletivo e cooperativo é totalmente inviável. Nessa conjuntura de extrema contradição e alienação do homem do fruto do seu trabalho, a educação proposta é também fragmentária e estabelece a divisão entre o trabalho manual para os trabalhadores e o trabalho intelectual para a classe dominante.

A partir do escravismo antigo passaremos a ter duas modalidades distintas e separadas de educação: uma para a classe proprietária, identificada como a educação dos homens livres, e outra para a classe não proprietária, identificada como a educação dos escravos e serviçais. A primeira, centrada nas atividades intelectuais, na arte da palavra e nos exercícios físicos de caráter lúdico ou militar. E a segunda, assimilada ao próprio processo de trabalho. A primeira modalidade de educação deu origem à escola. A palavra escola deriva do grego e significa, etimologicamente, o lugar do ócio, tempo livre. Era, pois, o lugar para onde iam os que dispunham de tempo livre. SAVIANI, 2007, p. 155)

Frente à essa realidade, FRIGOTTO (2009), expõe a disputa de classes existente no modo de produção capitalista e fala sobre a necessidade de construir uma luta contra hegemônica como possibilidade de superar a coisificação do ser humano e, portanto, o sistema capitalista. O objetivo principal do texto é promover a crítica das relações sociais e dos processos formativos e educativos que reproduzem o sistema do capital e de suas formas de alienação, porque para ele, quando a concepção de mundo não é crítica, pertencemos a uma multiplicidade de homens massa.

O papel da educação nesse contexto é desenvolver uma formação política e econômica, educacional e de sentimentos e relações ao mesmo tempo, isso quer dizer uma educação omnilateral e politécnica, para que os trabalhadores sejam capazes de criticamente construir sua autonomia e, possam, coletivamente promover uma luta contra hegemônica. Assim como Arroyo, Frigotto chama a atenção para o fato dessa formação ocorra desde a infância.

Por ser o trabalho (mediação de primeira ordem) o que possibilita que o ser humano produza-se e reproduza-se e por isso, na metáfora de Marx, *antediluviano*, e não o trabalho escravo, servil e o trabalho alienado sob o capital (mediações de segunda ordem), a internalização, desde a infância, do princípio do trabalho produtor de valores de uso é fundamental. [...]É dessa



perspectiva que Marx entende, na minha leitura, a união de trabalho e ensino desde a infância e, ao mesmo tempo, a luta contra a exploração do trabalho infantil. (FRIGOTTO, 2009, p. 189)

## 2.2 A importância da Educação Profissional e Tecnológica para a mudança social

Mészáros (2008) afirma que o capitalismo precisa ser superado, pois as condições que ele impõe aos seres humanos e à natureza são de escassez e morte. Tanto em relação à maneira predatória de extração dos recursos naturais para acumulação de riqueza quanto pela superexploração e precarização do trabalho.

O metabolismo social do capital impõe relações humanas baseadas no individualismo, na competição, na meritocracia, modos de vida que colocam o ser humano em constante processo de luta consigo mesmo e com os seus iguais em busca de um trabalho cada vez mais escasso, precarizado e alienado.

Esse peso do ideal capitalista, nesse momento, amenizo com poesia, porque “a arte existe porque a vida não basta”. Na letra da música “Um homem também chora (Guerreiro Menino)”, de 1983, Gonzaguinha expressa de forma sublime uma verdade irrefutável: o homem se dignifica através do seu trabalho,

“Um homem se humilha se castram seu sonho

Seu sonho é sua vida. E vida é trabalho.

E sem o seu trabalho homem não tem honra

E sem a sua honra se morre, se mata”

Corroborando com a letra da canção, ANTUNES (2018), desenvolve sua escrita partindo da premissa que o trabalho é uma atividade vital, mas quando a vida humana se resume exclusivamente ao trabalho, ela se converte em um mundo penoso, alienante e aprisionado.

Com os avanços tecnológicos, era esperado por um tempo de trabalho mais produtivo e que as pessoas teriam mais tempo para estudar, ler, cuidar da família, realizar atividades sociais; no entanto, o que vemos é que quanto mais tecnológico o mundo mais aumenta a superexploração do trabalho e o aumento da precarização. Porém,

“a precarização não é algo estático, mas um modo de ser intrínseco ao capitalismo, um processo que pode tanto se ampliar como se reduzir, dependendo diretamente da capacidade de resistência, organização e confrontação da classe trabalhadora.” (ANTUNES, 2018, p. 65)

Portanto, o desafio do nosso tempo é promover ações coletivas que sejam capazes de contrapor ao sistema de metabolismo social do capital, para construirmos um novo modo de produção e de reprodução da vida, fundado na atividade livre, autônoma e autodeterminada, baseada no tempo disponível para produzir valores de uso socialmente necessários.

Para isso, precisamos repensar os princípios da educação profissional e tecnológica, pois o trabalho precisa ter um sentido societal voltado para o atendimento das efetivas necessidades humanas e sociais vitais. É necessário resgatar o verdadeiro sentido estruturante do trabalho. NEVES e PRONKO (2008) reiteram que

“para que a educação escolar se transforme efetivamente em instrumento de conscientização da classe, ela precisa superar a sua sempre crescente subsunção aos imperativos técnicos e ético-políticos da mercantilização da vida, privilegiando na sua estruturação curricular a omnilateralidade e a politecnicidade.” (p.29)

É necessário o aumento dos níveis de consciência coletiva da organização popular para que sistemas educacionais empresariais como o Sistema S não adquiram a hegemonia pedagógica da classe trabalhadora, pois essa é uma organização ideológica tecnicista que visa apenas a atender às demandas do mercado e pouco ou nada se preocupa com a formação holística do ser humano.

No Brasil, o ensino profissionalizante é permeado por disputas políticas conservadoras e progressistas, com os conservadores lutando para manter a divisão do trabalho educacional, onde o trabalho complexo, científico e tecnológico deveria formar os intelectuais orgânicos dedicados às tarefas especializadas, enquanto a educação profissionalizante seria para a formação do trabalho simples, que exige menos escolarização.

Torna-se urgente pensar numa educação decolonial, levando em consideração a discussão das lutas socioambientais, de defesa da terra e do território, tanto das comunidades indígenas quanto quilombolas, que apresentam uma estrutura de ressignificação da ação humana sobre a natureza, portanto sobre a noção de trabalho.

Uma visão descolonizada pressupõe que os recursos do patrimônio natural, social e cultural devem ser mantidos fora do mercado. A formação necessária na educação profissional e tecnológica deve levar em consideração que o trabalho deve ser exercido com o fim de proteção do bem comum, pois todos têm direito a um ambiente seguro, sadio e produtivo.

O estudo profissionalizante deve antes de tudo entender o ser humano enquanto parte do ambiente. Construindo uma ponte entre o passado e o futuro, através do conhecimento dos saberes ancestrais tem da consciência da nossa origem comunitária e um olhar ecológico. Que seja capaz de criar possibilidades um tipo de desenvolvimento social baseado na conservação da natureza e na produção de energias alternativas.

O profissional do trabalho formado para esses novos tempos precisa compreender que o consumismo é um dos grandes fatores geradores de desigualdade e destruição tanto do humano quanto da natureza. Pois “os atuais níveis de consumo, especialmente aquele consumo que é supérfluo e banal, deve ser abandonado. A qualidade de vida deixa de ser entendida como uma simples acumulação de bens materiais para ser ampliada a dimensões culturais, afetivas e espirituais. (DILGER, 2016, p. 209)

### **3. Os saberes ancestrais como possibilidade de construção de um novo metabolismo social**

Iniciemos essa reflexão a partir de MÉSZÁROS(2008), que aponta três pontos essenciais para entender os princípios básicos desse novo metabolismo social: primeiro que “*o objetivo central dos que lutam contra a sociedade mercantil, a alienação e a intolerância é a **emancipação humana***”. (p. 15)

Portanto, como atingir esse objetivo, se ainda não conseguimos passar pelo processo de decolonialidade<sup>20</sup>? Pois a mentalidade colonizada pela qual fomos formados produziu padrões de pensamento eurocêntricos, que coloca os valores culturais, a cor, a filosofia de vida, enfim, tudo que nos constituiu originalmente como sendo inferiores, selvagens, incivilizados.

Ouçam a tempestade: Falam-me do progresso das “realizações”, das doenças curadas e dos níveis da vida elevados além de si mesmos. Mas eu falo de sociedades esvaziadas de si mesmas, culturas pisoteadas, instituições, terras confiscadas, religiões assassinadas, magnificências artísticas destruídas, possibilidades extraordinárias suprimidas. [...] Falo de milhões de homens arrancados a seus deuses, suas terras, seus costumes, sua vida, a vida, a dança, a sabedoria. Estou falando de milhões de homens em que foram inculcados o medo, o complexo de inferioridade, o tremor, o ajoelhar-se, o desespero, o servilismo. [...] Mas eu falo das economias naturais, economias harmoniosas e viáveis, economias na medida do homem indígena que foram desorganizadas, culturas alimentares destruídas, subnutrição instalada, desenvolvimento agrícola orientado para o benefício único das metrópoles, roubo de produtos, roubo de matérias-primas. [...] Falam-me de civilização, eu falo de proletarização e mistificação. (p.25)

O segundo princípio é quando Mészáros afirma que a educação não é um negócio e deve qualificar para a vida; para isso é necessário **romper com a lógica do capital**, com o fim de estabelecer os vínculos entre educação e trabalho, para realizar a transição da sociedade capitalista para a sociedade comunista. Nesse sentido, vejo pontos de confluências entre os saberes dos povos originários e o comunismo. Sendo assim, presumo que os saberes ancestrais se interrelacionam diretamente com o materialismo histórico-dialético.

Encontro evidências dessa presunção na afirmativa do autor de que as práticas educacionais devem permitir aos educadores e alunos trabalharem para as mudanças necessárias para a construção de uma sociedade na qual o capital não explore mais o tempo de lazer; acrescentamos aqui o tempo de vida. O trabalho precarizado realizado dentro da perspectiva do capital rouba tempo de vida das pessoas.

---

<sup>20</sup> A decolonialidade é considerado como caminho para resistir e desconstruir padrões, conceitos e perspectivas impostos aos povos subalternizados durante todos esses anos, sendo também uma crítica direta à modernidade e ao capitalismo

Por isso, ao chegar nas terra Pindorama<sup>21</sup>, os europeus estranharam tanto e, preconceituosamente, qualificaram os povos originários, com os quais eles tiveram contato, de preguiçosos, pois estes trabalhavam para viver e não viviam para trabalhar. A maior parte do seu tempo era gasta no lazer, no descanso, nos rituais que incluíam adornos e pinturas corporais, nas danças, nos cantos, nos jogos e brincadeiras, enfim em momentos vivos.

O terceiro fundamento encontrado nos escritos do autor é que o sistema educacional tem que servir para a **luta contra a alienação**. Como realizar essa finalidade dentro de uma sociedade baseada no metabolismo social do capital, cuja meta é o lucro, exercendo o poder do dinheiro, alienando e desumanizando o trabalhador?

Portanto, Mészáros constata que as soluções não podem ser apenas formais; elas devem ser essenciais e abarcar a totalidade das práticas sociais em todos os âmbitos. Visto que a mudança social depende da intensidade dos confrontos hegemônicos e contra-hegemônicos de uma dada concepção de mundo que instituirá uma transformação social que seja significativa.

Por esse ângulo de visão materialista histórico-dialético, chegamos ao pensamento decolonial. No entanto, é preciso ir além, pois não basta a constatação do fato; é imprescindível construir possibilidades para um novo metabolismo social. É essencial compreender a diferença entre colonização e colonialidade. O termo colonização faz parte de um período específico da história, que em tese foi finalizado a partir da proclamação da independência dos países. No entanto, colonialidade é o que ultrapassa o tempo histórico porque fica impregnado no imaginário tanto dos que foram os colonizadores quanto dos colonizados.

---

<sup>21</sup> Diz-nos a tradição literária de nosso romantismo indigenista que a palavra Pindorama quereria significar “Terra das Palmeiras” ou, mais objetivamente, em toponímia semântica, “Lugar das Palmeiras.” Teria sido este justamente o primeiro nome que os índios de fala tupi teriam dado ao nosso Brasil, a grã-Pindorama

Com base nessa premissa, como construir um novo metabolismo social sem levar em conta não só os explorados pelo capital, mas os humilhados, os mortos, os renegados? Enfim, como ouvir as vozes dos que foram silenciados e que estão sendo dizimados? Como numa sociedade onde a cor e a orientação sexual são justificativas para o assassinato, onde pretos, pobres e gays são assassinados diariamente, e onde garimpeiros, madeireiros e grileiros estão dizimando os povos originários?

Essas questões me remetem instantaneamente à carta que FREIRE (2000) escreveu quando assassinaram de forma covarde e vil, Galdino Jesus dos Santos, um homem de origem Pataxó<sup>22</sup>

Não é possível refazer esse país, democratizá-lo, humanizá-lo, torná-lo sério, com adolescentes brincando de matar gente, ofendendo a vida, destruindo o sonho, inviabilizando o amor. Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda. Se a nossa opção é progressista, se estamos a favor da vida e não da morte, da equidade e não da injustiça, do direito e não do arbítrio, da convivência com o diferente e não de sua negação, não temos outro caminho senão viver plenamente a nossa opção. Encarná-la, diminuindo assim a distância entre o que fizemos e o que fazemos. Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher não estarei ajudando meus filhos a ser sérios justos e amorosos da vida e dos outros... (p. 67)

A resposta para essa indignação não é simples, mas a gênese dessas ações tem estreita relação com o pensamento colonizador europeu, visto que o processo de colonização europeia é a maior responsável pelo maior número de cadáveres do mundo, em conjunto, é claro, com a mentalidade imperialista estadunidense. Entendo que tanto o colonialismo quanto o imperialismo bebem na mesma fonte da arrogância e ganância.

---

<sup>22</sup> Os pataxós são um povo indígena brasileiro seminômade de língua da família maxakali, do tronco macro-jê. Vivem em aldeias no extremo sul do Estado da Bahia e norte de Minas Gerais. Há evidências de que a aldeia de Barra Velha existe há quase dois séculos e meio, desde 1767. EM contato com os não-indígenas desde o século XVI e muitas vezes obrigados a esconder seus costumes, os Pataxós hoje se esforçam para avivar sua língua e rituais “dos antigos” como o Awê. O Awê ou Toré é um dos rituais realizados com mais frequência pelo povo Pataxó, e consiste numa reunião em torno de cantos e danças, na busca da união e de forças positivas para a aldeia.

Portanto, tanto Mészáros quanto Freire fazem a mesma constatação de que a educação é um dos caminhos essenciais para o processo de reestruturação radical e a transformação do sistema e na maneira de ser dos indivíduos. Porém, precisamos entender que não pode ser uma educação formal que visa a reprodução para garantir a hegemonia cultural da classe dominante. Ao contrário, como bem disse o autor

Apenas a mais ampla das concepções de educação nos pode ajudar a pesquisar o objetivo de uma mudança verdadeiramente radical, proporcionando instrumentos de pressão que rompam a lógica mistificadora do capital.[...] Em contraste, cair na tentação dos reparos institucionais formais – ‘passo a passo’, como afirma a sabedoria reformista desde tempos imemoriais – significa permanecer aprisionado dentro do círculo vicioso institucionalmente articulado e protegido dessa lógica autocentrada do capital.(Mészáros, 2008, p. 48)

Entendendo como concepção ampla de educação, o fato de que a educação faz parte da própria vida e, portanto, não pode estar restringida ao ambiente formal de escolarização. Práticas educacionais podem ser vivenciadas nos diferentes tempos e espaços onde se estabelecem relações sociais e devem ser realizadas de tal forma que sejam vivências emancipatórias. Onde os sujeitos sejam capazes da ‘autoeducação de iguais’

A educação é fundamental, no sentido, de conter em si condições materiais de desalienação, através da elaboração de estratégias que promovam ações educativas objetivas que tenham ressonância na consciência dos indivíduos, que sejam capazes de criticamente criarem os caminhos para as mudanças necessárias na sociedade.

O que está em jogo aqui não é simplesmente a deficiência dos recursos econômicos disponíveis, a ser superada mais cedo ou mais tarde, como já foi desnecessariamente prometido, e sim a inevitável deficiência estrutural de um sistema que opera através dos seus círculos viciosos de desperdício ou de escassez. É impossível romper esse círculo vicioso sem uma intervenção efetiva da educação, capaz, simultaneamente, de estabelecer prioridades e de definir as reais necessidades, mediante plena e livre deliberação dos indivíduos envolvidos. ( Mészáros, 2008, p. 74)

Considero fundamental nesse momento realizar o movimento do Sankofa para buscar em lugares outros que não o pensamento colonizador,

eurocentrado e patriarcal a inspiração para propor alternativas a esse processo de estrangulamento do ser humano e da natureza. Buscando em intelectuais orgânicos afrocentrados novos olhares e vivências, pois assim como NASCIMENTO (2019) acredito que

[...]aquelas sociedades mais intrinsecamente ocidentalizadas são as menos capazes de deter o acelerado processo da própria deterioração. Dessa circunstância advém a certeza de que o desempenho de um papel importante como também urgente, está desafiando o potencial criativo de todos os povos e nações, homens e mulheres. E nessa etapa dessa trajetória humana, vemos emergir, num certo lugar da terra, um ponto insuspeito, alguma coisa intrigante, talvez um mistério histórico: o fenômeno d cultura de uma área específica, até o momento marginalizada, projetando-se na direção da área de expressão ecumênica. (p.65)

Esses saberes outros que Nascimento nos convida a acessar são os saberes ancestrais dos povos africanos e dos povos originários. A forma como isso pode se dá é entrando em contato com as filosofias e culturas africanas e indígenas. Como estas se relacionam com os outros, com a natureza, qual a base de suas economias, pois estas, numa perspectiva afrocentrada, têm em si o cerne progressista e anticapitalista.

O estudo sobre os quilombos mostra como é possível manter um sistema de igualdade, liberdade e soberania, sendo exemplos claros da emancipação de um povo, através do trabalho coletivo, de uma economia comunitária e cooperativa, com pessoas capazes de trabalhar para viver e organizar os seus tempos e espaços para momentos, para além do trabalho, de celebração, dança, canto, ritos.

A experiência de quilombos e tribos com relação à terra, sendo essa um bem coletivo a que todos tem direito, mostra como a relação com o território é fundamental para entender a construção de um novo metabolismo social onde tanto a terra, quanto as fábricas e suas instalações podem ser de propriedade coletiva, pois só pode ser dono quem trabalha.

Evidencio ainda, o caráter revolucionário e libertário das populações negras e indígenas que em nenhum momento histórico aceitou passivamente



as condições ao qual estavam impostos, pelo contrário procuravam formas de resistir e reagir, através da sua força, capacidade de organização e sabedoria ancestral, construindo alternativas de vida mesmo em meio a um processo de devastação e desumanização.

Existem vários exemplos históricos de como aconteceu essa resistência, nesse artigo destaco um:

Em todas as direções da grande expansão territorial do Brasil durante mais de três séculos da escravidão, os africanos e africanas se auto libertaram da escravidão através da fuga, constituía-se em agrupamentos denominados quilombos como um meio de organizarem sua existência individual e coletiva, e como forma de combate ao sistema de opressão. Há, entretanto, o exemplo histórico de outra forma de resistência ao cativeiro: aquela usada por um rei africano escravizado com sua família e sua tribo; foram vendidos a um proprietário de mina de ouro na então Vila Rica, hoje a cidade de Ouro Preto. Haviam-lhe imposto previamente um batismo católico e um nome espúrio: “Francisco”. Num dia de semana, segundo a norma da época, “Francisco” podia trabalhar em seu próprio benefício. Ele trabalhou, ganhou e economizou, até juntar o bastante para comprar a liberdade do seu filho. Ambos, pai e filho, trabalharam e juntaram dinheiro suficiente para adquirir a liberdade do próprio “Francisco”. Mas não descansaram até comprar a liberdade de um terceiro membro da tribo; assim formando uma cadeia de trabalho e economia, conseguiram libertar a tribo. No entanto, “Francisco”, além de infatigável trabalhador, demonstrou perspicácia política e talento organizador. Sob sua direção a tribo juntou uma economia tão valiosa que lhe permitiu comprar a mina de ouro chamada Encardideira: propriedade coletiva de todos os membros da tribo. Tal fato resultou em uma espécie de trabalho cooperativo, nos moldes tradicionais africanos. (NASCIMENTO, 2019, p. 85)

Nesse relato, contém os princípios básicos dos saberes ancestrais: solidariedade; força física, mental e política; cooperação e trabalho coletivo. Para Nascimento (2019), esses são os princípios da vida comunal tradicional das culturas africanas, eu acrescento também das indígenas. Nessas comunidades o sistema de valores é o pilar de todas as culturas. Por isso, é de suma importância a valorização dos ritos, da poesia, da mitologia, do teatro, da música, da dança, enfim de toda forma de expressão artística e cultural.

A envergadura do nosso projeto exige uma revolução cultural permanente. E todos sabemos que uma revolução não pode consistir apenas na substituição de uma pessoa por outra, ou mesmo na troca de um sistema por outro. Ao contrário, uma revolução cria ambos: pessoas e sistemas. O sistema de valores é a espinha dorsal de todas as culturas. Os valores impregnam nosso espírito

criativo e, conseqüentemente, dão forma ao complexo dos mitos inaugurais: nisso consiste a mitopoesia de uma cultura. (p. 100)

Essa revolução cultural perpassa todos os espaços da vida em sociedade, além dos espaços formais e, portanto, institucionalizados, as escolas e universidades, também e, principalmente nos espaços não-formais e informais, como: as igrejas, as famílias, os parques, museus, zoológicos, campos de futebol, rua, etc.

Concluo esse artigo com as palavras de Nêgo Bispo, um homem que carrega em si, muito presente os saberes ancestrais, para nos ensinar quais são as pontes necessárias a serem construídas e, posteriormente, destruídas para que possamos fazer a transição para um novo metabolismo social:

No entanto, acredito que seja essa estreita relação dos povos de lógica cosmovisiva politeísta com os elementos da natureza, é dizer, a sua relação respeitosa, orgânica e biointerativa com todos os elementos vitais, uma das principais chaves para a compreensão de questões que interessam a todas e a todos. Pois sem a terra, a água, o ar e o fogo não haverá condições sequer para pensarmos em outros meios. Eis aí o grande desafio resolutivo para que possamos chegar ao nível de sabedoria e bem viver por muitos ditos e sonhados. Para mim, um dos meios necessários para chegarmos a esse lugar é transformarmos as nossas divergências em diversidades, e na diversidade atingirmos a confluência de todas as nossas experiências. (SANTOS, 2021, p. 69)

Penso que todos os povos de todos os cantos do mundo têm suas limitações e suas dificuldades para existir e conviver nesse mundo, porém essa diversidade é a maior riqueza que podemos acumular. Os saberes ancestrais podem ser multiplicados ao mesmo tempo que divididos e vivenciados, no sentido de encontrar neles o que de há melhor para construir algo diferente do que foi feito até agora, pois mais do que nunca, o caminho para nossa emancipação é o mesmo caminho da sobrevivência do que há de Humano em nós.

Ao olharmos para trás e buscarmos na sabedoria das ancestrais alternativas para o modelo de desenvolvimento capitalista, precisamos imbuídos desses saberes construir caminhos outros que nos leve a um

metabolismo social comunitário, solidário e que a riqueza seja dividida entre todos.

### Referências

ANTUNES, Ricardo. O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

ARROYO, Miguel G. Trabalho, educação e teoria pedagógica. In FRIGOTTO (org.) Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998. (Coleção estudos culturais em Educação)

CÉSAIRE, Aimé. Discurso sobre o colonialismo. Tradução de Claudio Willer. Ilustração de Marcelo D'Saete. Cronologia de Rogério de Campos. São Paulo: Veneta, 2020.

DIAS, Luciana de O. Reflexos no Abebé de Oxum: por uma narrativa mítica insubmissa e uma pedagogia transgressora. Goiânia, UFG, Revista Articulando e Construindo Saberes, v. 5, 2020.

DILGER, Gerhard. LANG, Miriam. FILHO, Jorge P. (Orgs) DESCOLONIZAR. O IMAGINÁRIO: debates sobre pós-extrativismo e alternativas ao desenvolvimento. Tradução de Igor Ojeda. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2016.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.

FRIGOTTO, Gaudêncio. A polissemia da categoria trabalho e a batalha das ideias nas sociedades de classe. Revista Brasileira de Educação. v. 14, n. 40, p. 168-194, jan./abr. 2009

HOOKS, Bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. 2ªed. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

MARX, Karl. O capital: crítica da economia política: livro I. Tradução de Reginaldo Sant'Anna. 20ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. Tradução de Luis Claudio Castro e Costa. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MÉSZÁROS, István. A educação para além do capital. Tradução de Isa Tavares. 2ªed. São Paulo: Boitempo, 2008.

NEVES, Lúcia M. W. e PRONKO, Marcela A. O mercado do conhecimento e o conhecimento para o mercado: da formação para o trabalho complexo no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: EPSJV, 2008

NOGUERA, R. Ubuntu como modo de existir: elementos gerais para uma ética afroperspectivista. Revista da ABPN, v. 3, n. 6, p. 147-150, fev., 2012

OLIVEIRA, F. de. Crítica à razão dualista- o ornintorrico. São Paulo: Boitempo, 2003.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, quilombos: modos e significações. 2ª ed. Brasília: INCTI/UnB, 2021.

SAVIANI, Demerval. Trabalho e Educação: fundamentos ontológicos e históricos. Revista Brasileira de Educação. v. 12, n 34, p.152-180, jan./abr. 2007.